

## MUDANÇA CONSTRUCIONAL EM PREDICAÇÕES COM VERBO-SUPORTE

### CONSTRUCTIONAL CHANGE IN PREDICATIONS WITH SUPPORT VERB

Pâmela Fagundes Travassos | [Lattes](#) | [fagundespamela@letras.ufrj.br](mailto:fagundespamela@letras.ufrj.br)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Marcia dos Santos Machado Vieira | [Lattes](#) | [marcia@letras.ufrj.br](mailto:marcia@letras.ufrj.br)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** A pesquisa desenvolveu-se a partir da investigação de indícios de mudança construcional (alteração no polo formal ou funcional da construção) detectados em estudo diacrônico (diacronia recente) de predicadores complexos verbo-nominais com *DAR* em textos jornalísticos brasileiros dos séculos XX e XXI (1925 a 2014). Exemplos dessas perífrases são os seguintes: *dar uma desacelerada*, *dar uma reagida*, *dar uma escapadela*, *dar uma enroladinha* e *dar um pulinho*. Recorremos à metodologia de análise quantitativa e qualitativa para a observação do fenômeno. O objetivo é fazer uma descrição formal-funcional dessas construções, observando seu comportamento em sincronias diferentes ao longo do período especificado, atentando para possíveis mudanças linguísticas, para extensões de uso e/ou de sentidos e para a frequência de ocorrências e de tipos construcionais. Temos a intenção de verificar em que medida essas alterações têm relação com elementos intralinguísticos (cotexto) e extralinguísticos (contexto). Baseamo-nos na suposição de que há alteração no polo funcional das construções com verbo-suporte em estudo, com sobreposição do valor modal (como estratégia de polidez) em detrimento do valor aspectual não-durativo. O arcabouço teórico da pesquisa é baseado em construtos explicativos da Linguística Funcional-Cognitiva, da Gramática de Construções Baseada no Uso e da Sociolinguística.

**Palavras-chave:** Mudança construcional; Diacronia; Socioconstrucionismo; Predicações verbo-nominais com *DAR*.

**Abstract:** The research outlined here was based on the investigation of constructional change evidence (alteration in the formal or functional pole of construction) detected in a diachronic study (recent diachrony) of verb-nominal complex predicators with the verb *DAR/GIVE* in Brazilian journalistic texts from the 20<sup>th</sup> and 21<sup>st</sup> centuries (1925 to

2014). Examples of these periphrases are: *dar uma desacelerada*, *dar uma reagida*, *dar uma escapadela*, *dar uma enroladinha* and *dar um pulinho*. We use the methodology of quantitative and qualitative analysis to observe the phenomenon. The objective is to make a formal-functional description of these constructions, observing their behavior in different synchronies throughout the specified period, paying attention to possible linguistic changes, extensions of use and/or meanings and frequency of occurrences and constructional types. We aim to verify to what extent these changes are related to intra-linguistic (co-text) and extralinguistic (context) elements. We are based on the assumption that there is a change in the functional pole of constructions with support verb under investigation, overlapping the modal value (as a politeness strategy) in detriment of the non-durable aspectual value. The theoretical framework of this research is based on explanatory constructs of Functional-Cognitive Linguistics, the Usage-Based Construction Grammar and Sociolinguistics.

**Keywords:** Constructional change; Diachrony; Socioconstructionism; Verb-nominal predications with *GIVE*.

## 1 INTRODUÇÃO

Investigamos indicadores de mudança quer na face formal quer na face funcional (mudança construcional, TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013) de predicadores complexos verbo-nominais com *DAR*, cuja parte não-verbal possui um dos seguintes formatos: X-[a,i]da, X-[a,i]dinha, X-[a]dela, ou X-(z)inho(a). *Dar uma freada*, *dar uma convencida*, *dar uma passadela*, *dar uma respirada*, *dar um risinho*, *dar uma escorregadinha*, *dar uma desalinhada*, *dar uma batidinha* e *dar uma reforçadinha* são alguns exemplos. Assim, analisamos mudança linguística em expressões com algum grau de idiomaticidade (não-composicionalidade, o que envolve, por sua vez, algum grau de opacidade semântica e de não-analisabilidade sintática) e de abstração (esquematicidade, decorrente de um processo de esquematização promovido por entrincheiramento de relação forma-função/significado na mente). *Construção é aqui entendida, a partir de Goldberg (1995, 2006)* e outros construcionistas, como um pareamento simbólico convencional de forma (prosódica, fonético-fonológica, morfológica, morfossintática, sintática e lexical) e função (semântica, discursiva, pragmática, cognitiva e social). Trata-se da unidade basilar da língua, sendo esta considerada como um grande *construct-i-con*, isto é, um grande inventário de construções (desde afixos até cláusulas inteiras) organizadas em rede (GOLDBERG, 1995, 2006).

Sob a ótica da Linguística Funcional-Cognitiva, da abordagem da Gramática de Construções Baseada no Uso e da Sociolinguística, este estudo se desenhou, tendo sempre em mente que a língua é usada em um contexto interacional específico e que seus recursos estão a serviço de uma determinada intenção comunicativa e sua manifestação nesse contexto é mediada por cossemioses dos interlocutores segundo processos sociais e processos cognitivos. Entendemos que a gramática se estrutura, se molda e se transforma no uso constante, o qual pode ser representado em níveis gerais mais abstratos, que registram, no todo, uma rede de construções relacionadas por meio de inúmeras interligações semântico-cognitivas. Assim, partindo dos usos, os quais podem ser fruto de inovação individual, podemos chegar à mudança da língua (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), caso haja convencionalização social dessa inovação em uma comunidade. Eventos de interação, o processo social de convencionalização (por difusão e normalização) e o processo cognitivo de entrincheiramento (por associação) relacionam-se e, assim, promovem os fenômenos de (relativa) estabilização, variação e mudança.

O objetivo é reunir contributos, de modo a fazer uma descrição diacrônica da configuração formal-funcional das perífrases verbo-nominais do português do Brasil, partindo de seus usos substantivos em textos jornalísticos escritos dos séculos XX e XXI (1925 a 2014). No que diz respeito ao *modus operandi*/ à metodologia empregada, a princípio, procedemos à reunião de dados (formação de amostra); em seguida, organizamos esses dados por tipo construcional e por decênio; por fim, fizemos uma análise quantitativa e qualitativa dos usos das construções. Temos a intenção de lançar nosso olhar para o quanto os diversos valores associados aos predicadores complexos têm relação com elementos do entorno linguístico (cotexto) e com elementos mais extralinguísticos que envolvem aspectos semânticos, discursivos, pragmáticos, sociais e/ou cognitivos. Ademais, objetivamos atentar para divergências na distribuição e na (poli)funcionalidade dos dados em sincronias diferentes, observando se há indícios de mudança construcional. Em geral, o acionamento de usos das microconstruções<sup>1</sup> em estudo em determinados contextos é associado à brevidade do estado de coisas (aspecto não-durativo), como no seguinte exemplo:

Ex.:1 Tirou o cigarro pra fora, todo amassado, último esquecido no bolso coitadinho. Esticou o que pôde o cigarrinho, *deu uma enroladinha* nele em cima do balcão, segurou-o na pontinha dos dedos, *deu uma catucadinha* no braço da moça, ela olhou pra ele, aquele olhar de marquise, ele perguntou, de novo, com o mesmo sorriso: -A senhorita aceita um cigarrim? [PB, *Jornal online O Globo*, 2006].

---

<sup>1</sup> “Microconstruções são as construções individuais mais substantivas/preenchidas, mas ainda abstratas.” (TRAVASSOS, 2019, p. 23)

Em 1, os usos das microconstruções *dar uma enroladinha* e *dar uma catucadinha* revelam a superficialidade do ato de *enrolar* e de *catucar*, bem como a brevidade dos estados de coisas, evidenciando o quanto as ações se desenvolveram rapidamente em um curto/pontual espaço de tempo. Contudo, estudos prévios (tal como TRAVASSOS, 2019) apontam que essas construções estão a serviço de uma série de outros sentidos, ao sofrerem interferências do contexto e do cotexto (TRAVAGLIA, 2000), e indicam, sobretudo, valor modal, como nesse exemplo:

Ex.2: Felipe Melo disse que Robinho *deu uma entrada* em Kaká durante o treino, mas que o lance não teve grandes consequências e que, logo depois, Kaká “*deu uma entradinha*” em Robinho também. “É tudo brincadeira, não teve nada de confusão nenhuma.” O jogador da Juventus disse que mostrou para Kaká a notícia publicada pela imprensa italiana. [PB, Jornal online O Globo, 2011]

No exemplo 2, os usos dos padrões construcionais *dar uma entrada* e *dar uma entradinha* indicam que houve um empurrão, uma batida, provavelmente, mais acentuada do que o esperado. No entanto, tal evento é perspectivado, com o uso das construções com verbo-suporte, de modo mais ameno, atenuado, de modo a conceptualizar a ação com ênfase na diminuição do impacto que possa ter provocado no outro. Assim, tais perífrases são utilizadas como uma estratégia de modalização do discurso, como um indicador de polidez e também como um recurso (inter)subjetivo, na medida em que revelam uma preocupação do locutor em relação à própria face, assim como com a face do interlocutor (BROWN; LEVINSON, 1987; GOFFMAN, 1967). O enunciador aciona-as para suavizar o modo como a cena foi concebida, pensando na imagem positiva que quer conquistar e na imagem do outro que não quer ameaçar.

Este estudo lança luz para a incidência crescente de usos dessas construções com o valor modal no português brasileiro (ao menos, no domínio jornalístico). Alguns dados apontaram para a manutenção da forma, mas com mudança no polo funcional: de valor aspectual não-durativo para valor modal. Percebemos, assim, que ocorrem reinterpretções, analogias e neoanálises, a depender do contexto, e os “novos” significados podem convencionalizar-se socialmente e, desta forma, gerar mudança linguística, ao passo que se enraízam na mente. Trataremos aqui de *links* entre constructos do *corpus* e microconstruções, voltando-nos para possíveis extensões de uso e de sentido dos complexos verbo-nominais no decorrer do tempo, para a distribuição de dados que indicam aspectualidade breve, modalidade, bem como a perspectiva (inter)subjativa, comparativamente a outros valores (ou sobreposição de valores) e perspectivas (ou sobreposição de perspectivas) encontrados.

Ao procedermos com uma análise comparativa de constructos de padrões construcionais de sincronias diferentes dos séculos XX e XXI (1925 a 2014), tencionamos verificar, entre outras questões, (i) o quão escasso era seu uso no domínio jornalístico nos decênios mais pretéritos analisados; (ii) se eram mais frequentemente associados à aspectualidade não-durativa antigamente; (iii) possíveis micropassos de alterações nas construções que possam ser reveladores de mudança construcional; (iv) se houve alteração ou extensão de usos e de sentidos no decorrer do tempo; (v) o grau de influência do cotexto e do contexto na indicação dos diversos valores; (vi) se passaram a ser mais frequentemente associados ao valor modal e à perspectiva intersubjetiva em decênios mais recentes (e quais microconstruções são mais acionadas para a marcação desse valor e dessa perspectiva); (vii) e se isso tem relação com a modalidade escrita, bem como com os objetivos interpessoais envolvidos no domínio jornalístico (atenção e preocupação mais voltados ao público leitor/consumidor).

Quanto às hipóteses, conjecturamos que os dados vão revelar indícios de mudança construcional, com essas construções indicando sobreposição de valor modal e da perspectiva (inter)subjetiva em relação ao valor aspectual não-durativo. Além disso, supomos que muitos dos valores sofrerão influência de elementos do contexto e do cotexto. Acreditamos que essas construções estão sendo acionadas com mais frequência nos decênios mais atuais no domínio jornalístico devido a uma mudança de postura em relação ao que é a norma linguística, tendo em vista que o perfil dos jornais se alterou com o tempo, de modo a se aproximar do interlocutor.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EXPLICATIVA**

Fundamentamo-nos na abordagem da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 1995, 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), alinhada com a Sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), numa abordagem socioconstrucionista (HILPERT, 2014; TRAVASSOS, 2019), para o tratamento da mudança construcional, levando em conta seus processos e mecanismos, como a analogização e a neanálise (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Para a descrição de valores envolvidos no polo funcional das perífrases verbo-nominais em estudo, baseamo-nos em conceituações relativas à aspectualidade (VENDLER, 1967; RAPOSO et al., 2013), à modalidade (NASCIMENTO, 2005) e à (inter)subjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2005; TRAUGOTT, 2010). De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 23), mudança construcional pode ser entendida como aquela que afeta subcomponente(s) de atributos de uma construção, seja no âmbito da forma (prosódica, fonético-fonológica, morfológica, morfossintática, sintática), seja no âmbito da função (semântica, discursiva, pragmática, cognitiva, social). Hilpert (2013) salienta, ainda, outras evidências de mudança constru-



cional: crescimento ou diminuição da frequência de ocorrências (frequência *token*) e da frequência de tipos construcionais (frequência *type*) e o espraiamento social na comunidade. O autor acentua que, de modo geral, ocorre a sobreposição das evidências.

Dadas as circunstâncias concretas de interação sociocomunicativa, os usuários da língua têm intenções comunicativas e mantêm relações sociais de diversos tipos, de acordo com seus papéis sociais, com as hierarquias entre os interlocutores, com o grau de formalidade requerido pelo ambiente, etc. Assim, os usuários da língua têm função primordial na constante configuração e reconfiguração da gramática, pois podem manter usos linguísticos, de forma a reiterar sua cristalização, como também podem alterar usos, de modo a contribuir para o processo de mudança na língua. Nesse sentido, entendemos a língua como uma atividade sociocultural e a gramática como uma entidade plástica constantemente moldada pelas realizações linguísticas concretas, estruturada com arquitetura em forma de rede de construções mais abstratas (macroconstrução) em relação (horizontal e vertical) com outras menos esquemáticas (mesoconstrução e microconstrução), estando todas, essencialmente, interligadas semântico-cognitivamente diretamente aos constructos.

Consoante o “princípio da iconicidade do signo” ou “não-arbitrariedade do signo na sintaxe”, os usuários da língua partem de expressões já conhecidas para a elaboração de novos sentidos (ressignificações) e para a formação de novas construções. Esse processo relaciona-se com o de analogia, o qual, segundo Bybee (2010), consiste na ideia de que “enunciações novas são criadas, com base em outros enunciados já produzidos em experiências discursivas anteriores”. Em decorrência da (alta ou baixa) frequência de uso e do (longo ou curto) tempo com que os novos sentidos e novas formas se estabelecem, pode ser que se rotinizem, tornando-se convencionalizados socialmente, ou, ainda, pode ser que haja outra inovação, devido ao ganho ou à perda de força expressiva das expressões anteriores. Por meio de dinâmicas na língua como essa, entendemos que a gramática é “emergente, modificada, renovada e mantida através da comunicação entre os usuários da língua, mas ao mesmo tempo tem uma forma, uma organização, em virtude de processos cognitivos gerais, tais como categorização e analogia, e em virtude da frequência de uso e da memória.” (ALONSO; CEZARIO, 2015, p. 63). Caso a inovação de uma forma se rotinize e se convencionalize pela sociedade, pode gerar mudança construcional. E, então, por isso, observamos o quão cristalizada e rotinizada é determinada construção, além de também analisarmos seu potencial de restrição e de extensão.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), há dois mecanismos que constituem a base cognitiva de conceptualização de mudança dos padrões construcionais: a analogização e a neoanálise. No processo de comunicação, nem sempre o conteúdo conceptualizado, materializado e transmitido pelo locutor equivale ao conteúdo interpretado pelo interlo-

cutor. Pode haver *match* ou *mismatch* nesse processo, isto é, a comunicação pode ser bem sucedida ou pode haver problemas de decodificação da informação. Isso ocorre devido ao fato de que cada ser humano possui uma experiência diferente de estar no mundo, cada indivíduo carrega conhecimentos prévios linguísticos e enciclopédicos diferentes. Assim, o processo de *mismatch* pode gerar inovações na língua, com o surgimento de novas formas e/ou de novas funções reconfiguradas/realinhadas. Por analogia a formas e funções já estabelecidas em outros padrões construcionais, outras estruturas emergem. Esse processo é chamado de analogização. A analogia consiste em um processo cognitivo de domínio geral, isto é, está presente em outras “habilidades” humanas, para além do âmbito do linguístico, da comunicação. Além disso, constitui um mecanismo que propicia o nascimento de novas expressões, por meio de alterações superficiais em estruturas de base.

Outro mecanismo de mudança é a *reanálise*. Trata-se do processo de construção de uma nova representação linguística, consequência de uma reinterpretação semântica de uma construção, na mente do sujeito em interação com outro(s) sujeito(s) (FISCHER, 2011). Langacker (1987, p. 58) apresenta a seguinte definição de neoanálise: “*a change in the structure of an expression or class of expressions that does not involve any immediate or intrinsic modification of its surface manifestation.*”<sup>2</sup>. Consoante Hopper e Traugott (2003), a “reanálise” é uma etapa prévia necessária para a instalação da mudança via analogia. Tendo em vista que a comunicação é uma atividade interacional dialógica, os diversos sentidos despontam de forma *online* e são negociados entre os participantes. Caso o novo sentido e/ou a nova forma se convencionalize(m) na sociedade, isso pode resultar em mudança linguística.

Para que ocorra o processo dinâmico de mudança, é necessário que, antes, tenha havido a variação por um tempo e, então, uma estrutura construcional tenha sido replicada frequentemente: “*linguistic change usually does not simply arise from some kind of wild and random variability. It essentially requires structured heterogeneity. Change can then be described as the generalization of one particular alternation*” (BERGS; DIEWALD, 2008, p. 5)<sup>3</sup>. As construções se alteram em pequenos micropassos até que a mudança se consolide. Assim também é a percepção da comunidade em relação à recepção da nova forma e/ou da nova função: gradual. Traugott (2010) ressalta a relevância de estágios intermediários, a importância de perspectivar tal evento em termos de *clines* de mudança, com gradações entre os extremos (estado 1 -anterior à mudança- e estado 2 -posterior à mudança-). Há

<sup>2</sup> “[...] uma mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve qualquer modificação imediata e intrínseca de sua manifestação superficial” (LANGACKER, 1987, p. 58, tradução nossa).

<sup>3</sup> “[...] mudança linguística geralmente não surge simplesmente de algum tipo de variabilidade selvagem e aleatória. Essencialmente, requer heterogeneidade estruturada. A mudança pode então ser descrita como a generalização de uma determinada alternância” (BERGS; DIEWALD, 2008, tradução nossa).

elementos intralinguísticos (cotextuais) e extralinguísticos (contextuais) que impulsionam a mudança. A esse respeito, Bergs e Diewald (2008) asseveram:

When we look at it (constructions) closely, two basic ideas seem to underlie most constructional approaches to linguistic change: (a) linguistic change often does not affect only single linguistic items, like words, morphemes, or phonemes, but also syntagmatic structures up to the sentential and utterance levels (i.e. the relevant *co-text* comprises all levels of explicitly expressed linguistic material) and (b) linguistic change can be very *con-text* sensitive, i.e. motivated, triggered or influenced by pragmatic extralinguistic factors. (BERGS; DIEWALD, 2008, p. 3-4, grifo dos autores).<sup>4</sup>

Há as seguintes etapas (principais) do processo de mudança linguística: (i) inovação de uso de determinada construção por um indivíduo; (ii) convencionalização desse uso, por meio do espriamento e rotinização na comunidade; (iii) criação estabelecida de novo padrão construcional, novo nó na rede construcional, ou seja, novo pareamento forma<sub>nova</sub>-função<sub>nova</sub> (construcionalização); (iv) mudança construcional (alteração no polo formal ou no polo funcional) na construção criada (pós-construcionalização) e (v) redução da estrutura, devido à frequência de uso a longo prazo ou obsolescência da forma, a qual torna-se rara ou não é mais acionada pelos usuários da língua.

Acreditamos que esteja havendo mudança construcional relacionada com as perífrases verbo-nominais com *DAR*, com manutenção do polo formal e alteração no polo funcional, de aspectual não-durativo para predominância da perspectiva intersubjetiva e da indicação da modalização do discurso. Entendemos aspecto como “uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender, e que integra o campo simbólico” (CASTILHO, 2010, p. 83). Trata-se do tempo interno de um evento. O aspecto não-durativo é aquele que se confina a um único momento linguisticamente estabelecido<sup>5</sup> (VENDLER, 1967, p.102). Consoante Travaglia (1994, p. 47), “em oposição à duração, temos a não duração ou pontualidade que é o caso da situação cujo início e término ocorrem no mesmo instante ou separados por um lapso de tempo curto, de tal

<sup>4</sup> “Quando olhamos de perto as construções, duas ideias básicas parecem estar por trás da maioria das abordagens construcionais de mudança linguística: (a) a mudança linguística frequentemente não afeta somente itens linguísticos isolados, como palavras, morfemas, ou fonemas, mas também estruturas sintagmáticas até a sentença e níveis da sentença (isto é, o **cotexto** relevante inclui todos os níveis de material linguístico explicitamente expressos) e (b) mudança linguística pode ser muito sensível ao **contexto**, isto é, motivada, desencadeada ou influenciada por fatores pragmáticos extralinguísticos” (BERGS; DIEWALD, 2008, grifo do autor, tradução nossa).

<sup>5</sup> “Now some of these verbs can be predicated only for single moments of time (strictly speaking), while others can be predicated for shorter or longer periods of time.” (VENDLER, 1967, p. 102)



forma que a situação é concebida como pontual”.

Já a modalização (NASCIMENTO, 2005) é um recurso disponível na língua para representar um conjunto de crenças, conhecimentos, atitudes e pontos de vista de um sujeito mediante uma predicação concebida e atualizada em um contexto discursivo. Assim, nesse ambiente, sentidos diversos surgem e, igualmente, podem emergir novas interpretações de significados pragmáticos. A perspectiva (inter)subjativa (TRAUGOTT; DASHER, 2005) tem relação com a ênfase dada ao interlocutor, enquanto participante do evento comunicativo. Assim, a atenção e cuidado se voltam ao outro, atentando para a preservação da face dos envolvidos. O enunciador projeta sua preocupação com o próprio modo de dizer, em função dos objetivos e intenções que tem em mente. Dessa forma, consegue persuadir o interlocutor a realizar uma ação desejada, por exemplo. Trata-se de uma maneira de conceptualização de uma cena do mundo. Além disso, é importante ressaltar que há graus diversos de (inter)subjatividade, assim como pode haver sobreposição de perspectivas mais ou menos (inter)subjativas.

### 3 MATERIAIS E METODOLOGIA

Compomos uma amostra diacrônica, que abarcou os séculos XX e XXI (1925 a 2014), de dados de construções com verbo-suporte *DAR* da Língua Portuguesa, variedade brasileira, do domínio jornalístico, mais especificamente, do acervo *online* do jornal O Globo. Assim, o *corpus* foi constituído a partir de usos reais de comunicação. Tendo em vista que a tendência natural é que as construções apareçam, primeiramente, na fala e em contextos mais informais e, depois, com a sua convencionalização e rotinização, passem para contextos escritos mais formais, ao analisarmos *corpus*, exclusivamente, da modalidade escrita, retirados do domínio jornalístico, que pressupõe maior monitoração linguística (revisão textual), reiteramos sua trajetória, sua instituição/estabelecimento e crescente escala de produtividade ao longo do tempo. Dessa forma, fica evidente sua difusão para contextos diversificados, para além da modalidade oral e do registro informal. O jornal O Globo foi escolhido para ser a fonte de coleta de dados porque, nele, predomina a norma culta e por ter um acervo *online* disponível.

Ao todo, foram coletados 438 dados de usos de perífrases verbo-nominais, dos quais 13% foram retirados do *Google*, ferramenta utilizada para formação de amostra complementar. Nossa amostra contempla 90 anos (1925 a 2014) e os organizamos por décadas (períodos de 10 anos), a começar por 1925, ano mais pretérito oferecido pelo jornal. Ao favorecermos um estudo diacrônico, posicionamo-nos como observadores e

analistas de alterações históricas nas construções, que atentam para padrões de inovações e para as tendências de usos e de sentidos, tais como as sobreposições de valores em relação a outros mais antigos. Desse modo, rastreamos de perto como se dá a mudança linguística. De acordo com Hilpert (2014, p. 196):

[...] the diachronic approach to Construction Grammar studies variation in language use over time. Via studying historical variation in language use, it aims to work out differences between the linguistic knowledge of speakers at different points in time. The historical record of language use shows that constructions change. What makes the study of historical change so challenging is that constructions can in fact change with regard to several different aspects, including not only their form and meaning, but also their frequency of use and their association with social traits of the speakers who are using them. To capture all of these aspects, Hilpert (2013: 16) proposes the following definition of constructional change:  
(11) Constructional change selectively seizes a conventionalized form–meaning pair of a language, altering it in terms of its form, its function, any aspect of its frequency, its distribution in the linguistic community, or any combination of these. (HILPERT, 2014, p. 196).<sup>6</sup>

Instituímos, na busca dos dados, para fins de equilíbrio da amostra, a quantidade mínima e média de 100 dados procurados não só por tipo construcional (*type*)/microconstrução (*DAR* + X-ada, *DAR* + X-ida, *DAR* + X-adinha, *DAR* + X-idinha, *DAR* + X-adela, ou *DAR* + X-(z)inho(a)), mas também por decênio<sup>7</sup>. Resultados mostraram que uma parte considerável da amostra (212 dados de 438) foi encontrada no último decênio (2005 a 2014). Isso se explica pelos seguintes motivos: por um lado, o *design* do jornal mais recente facilita a busca e o reconhecimento mais rápido das construções em estudo (*layout* mais organizado, ortografia atual, palavras com fonte em número maior, uso de

<sup>6</sup> “a abordagem diacrônica da Gramática de Construção estuda a variação no uso da língua ao longo do tempo. Por meio do estudo da variação histórica no uso linguístico, objetiva trabalhar diferenças entre o conhecimento linguístico dos falantes em diferentes momentos. O registro histórico do uso da língua mostra que as construções mudam. O que torna o estudo da mudança histórica tão desafiador é que as construções podem, de fato, mudar em relação a vários aspectos diferentes, incluindo não apenas sua forma e significado, mas também sua frequência de uso e sua associação com características sociais dos falantes que as usam. Para capturar todos esses aspectos, Hilpert (2013: 16) propõe a seguinte definição de mudança construcional: (11) A mudança construcional apreende seletivamente um par forma-significado convencional de uma língua, alterando-o em termos de sua forma, sua função, qualquer aspecto de sua frequência, sua distribuição na comunidade linguística ou qualquer combinação destes.” (HILPERT, 2014, p. 196, tradução nossa)

<sup>7</sup> Segundo Travassos (2019, p. 92), “Após a leitura, nos deparávamos com as seguintes possibilidades: (i) encontrar o dado pesquisado; (ii) não encontrar o dado pesquisado; (iii) encontrar somente o elemento não-verbal; (iv) encontrar somente o verbo *DAR*; (v) encontrar outra construção em estudo, mas que não foi a pesquisada.” Sendo assim, não foram encontrados dados em todas as buscas. Por isso, a quantidade de dados ser de 438.

mais cores nas páginas e letras com total preenchimento de suas partes); por outro lado, conjecturamos que a produtividade desses complexos verbo-nominais aumentou no decorrer do tempo e, conseqüentemente, aumentaram também as opções virtuais paradigmáticas de preenchimento do *slot* X das construções (no domínio jornalístico) e, assim, podemos observar seu nível de restrição e de extensibilidade.

Em contraposição, uma parcela diminuta da amostra foi encontrada nos períodos mais antigos: apenas 8 dados no primeiro decênio (1925 a 1934) e 11 dados no segundo decênio (1935 a 1944). O *design* e a escrita nas páginas do jornal antigo, por vezes, eram ilegíveis, com caracteres não muito nítidos (partes apagadas), ortografia difícil de decifrar, fonte das letras em tamanho menor. Acreditamos, então, com base nessas evidências e em sua baixa produtividade, que essas construções não eram tão acionadas em épocas pretéritas (textos jornalísticos escritos). Assim, analisando a distribuição, produtividade, configuração e caracterização das construções ao longo do tempo, procedemos a uma descrição diacrônica desses predicadores.

Anteriormente à análise quantitativa dos dados, executamos a análise qualitativa. Nessa etapa, observamos a multifuncionalidade das construções, atentando para os diferentes sentidos, valores, perspectivas e usos em questão; a razão pela qual uma determinada forma era utilizada em vez de outra(s), levando em consideração a influência do contexto e do cotexto; a relação entre os constructos e as faces formal-funcional dos padrões construcionais e indícios de mudança construcional (no polo formal ou funcional).

Com os dados analisados e organizados em mãos, procedemos à sua codificação e à correção de falhas nas codificações; em seguida, dispomos esses dados em arquivo com formato bloco de notas e, depois, fizemos uso dos programas estatísticos Goldvarb X e Goldvarb (2001). Dessa forma, seguimos orientações, no que se refere à metodologia, do campo da Sociolinguística, em específico, a laboviana. Nos programas estatísticos, informamos a variável dependente, bem como as variáveis independentes a serem analisadas, cruzamos variáveis e examinamos os resultados via quantificação absoluta e percentual.

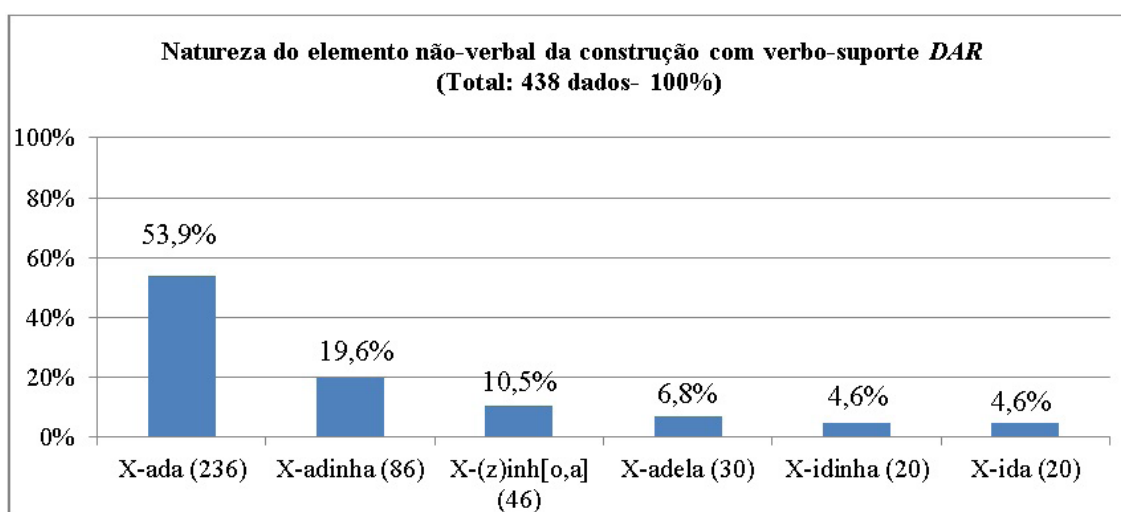
#### **4 ANÁLISE DOS DADOS DE USO**

Tendo em vista que a maior produtividade de um padrão construcional pode ser uma evidência de que a construção está (mais) convencionalizada ou em processo de convencionalização, assim como pode ser um indício de um grau maior de cristalização ou entrenchamento na mente dos falantes, observamos, então, a princípio, qual era a

produtividade e a distribuição dos constructos por tipo construcional identificado (*DAR* + *X-ada*, *DAR* + *X-ida*, *DAR* + *X-adinha*, *DAR* + *X-idinha*, *DAR* + *X-adela*, ou *DAR* + *X-(z)inho(a)*). Desse modo, consideramos o tipo de *X*-afixo (elemento não-verbal) como variável dependente e investigamos o modo como variáveis independentes (intralinguísticas e extralinguísticas) interferiam no favorecimento ou desfavorecimento de uso de determinada microconstrução.

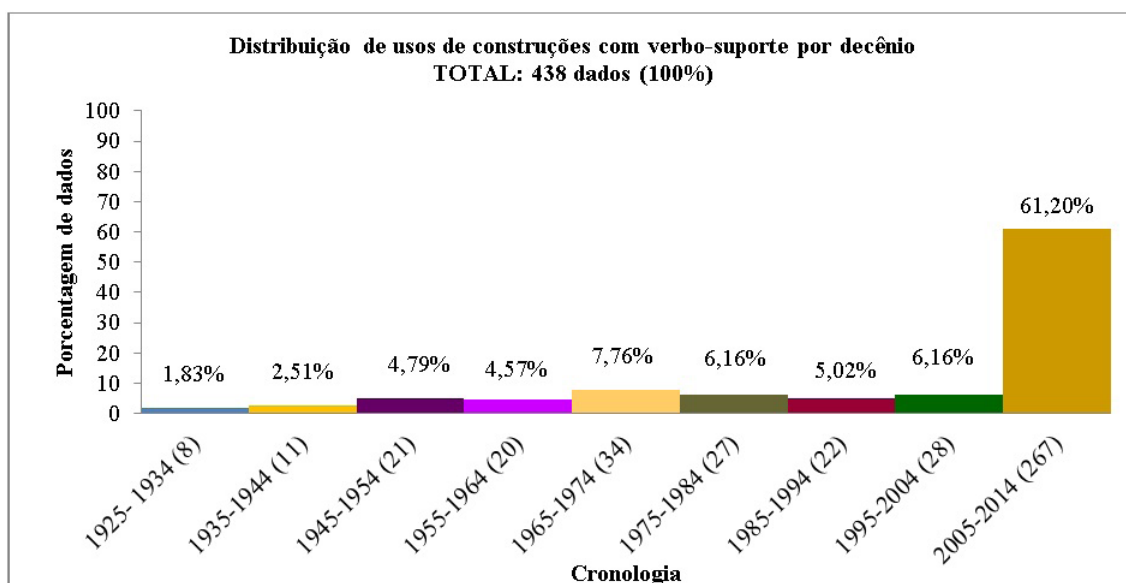
Resultados apontaram que houve, em mais da metade da amostra (53,9%), mais dados da microconstrução *DAR* + *X-ada*, o que revela grande representatividade e relevância em termos de produtividade (frequência *token*) e de potencial gerador de novos padrões construcionais (frequência *type*, extensibilidade). Nossa hipótese de que essa microconstrução seria a mais produtiva em termos de extensibilidade (em outros termos, a mais licenciadora de usos de construções com verbo-suporte) foi compatível com o resultado. Acreditamos que ela foi a primeira a ter aparecido e, em seguida, com o aumento da frequência de uso, pode ter motivado outras microconstruções. No decorrer do tempo, algumas outras microconstruções revelam crescimento no que diz respeito ao fator produtividade. Os gráficos que seguem ilustram, respectivamente, a distribuição dos constructos em função do tipo de *X*-afixo da construção com verbo-suporte *DAR* e a distribuição dos constructos das microconstruções em função do decênio:

**Gráfico 1.** Distribuição dos constructos de acordo com a natureza do elemento não-verbal da construção com verbo-suporte *DAR*



Fonte: Adaptado de Travassos (2019).

**Gráfico 2.** Distribuição de usos de construções com verbo-suporte por decênio



Fonte: Adaptado de Travassos (2019).

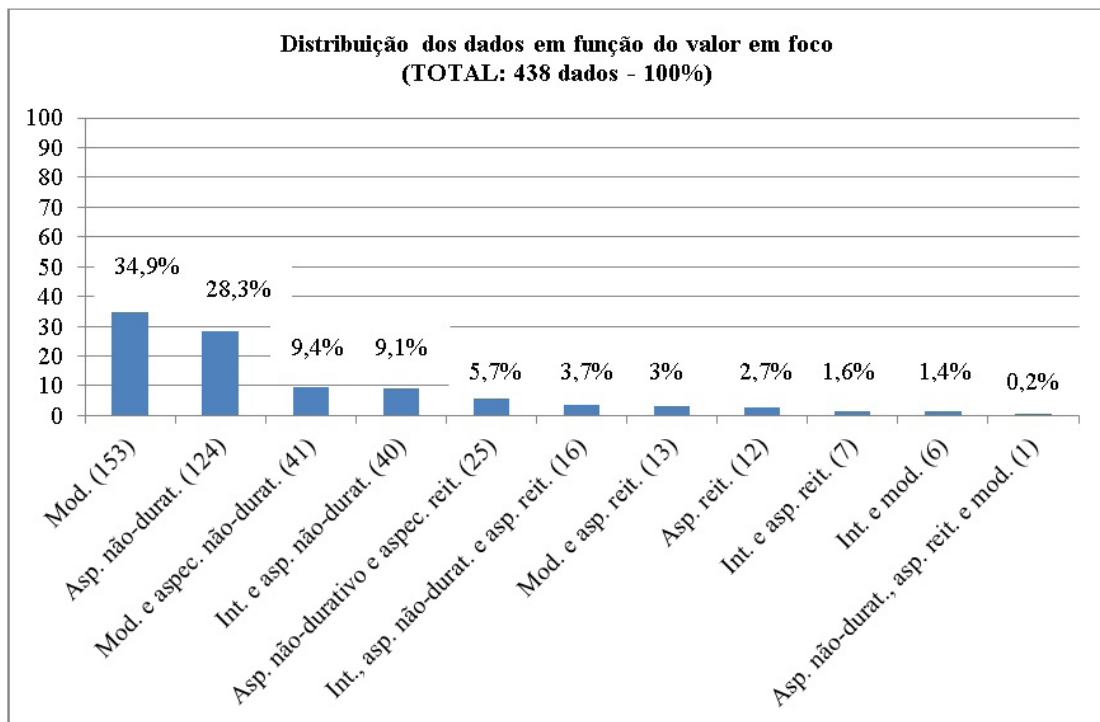
Com a análise do gráfico 2, percebemos que há, no último decênio, um volume consideravelmente maior de dados (267 do total 438) quando comparado aos outros decênios; mais da metade da amostra se concentra nesse período (61,20%). Esse aumento de ocorrências no período de 2005 a 2014 reitera nossa hipótese (intuição) de que as construções em estudo são mais produtivas atualmente. Com relação à distribuição de cada microconstrução por período, observamos que usos dos padrões construcionais *DAR + X-ada* e *DAR + X-adela* foram licenciados em todos os nove decênios; constructos da microconstrução *DAR + X-(z)inho(a)* foram mais encontrados no decênio de 1955 a 1964; ocorrências do tipo construcional *DAR + X-adinha* predominaram nos períodos de 1985 a 1994 e 1995 a 2004; no decênio de 1945 a 1954, só encontramos dados de *DAR + X-adinha*; nos outros decênios, houve mais dados de *DAR + X-ada*.

Após a análise da frequência e da distribuição dos tipos construcionais por recorte temporal, atentamos para sua (multi)funcionalidade, levando em conta valores envolvidos em usos dessas construções com verbo-suporte, principalmente os relacionados à potencialidade de indicação de valor aspectual não-durativo, de valor modal ou de sobreposição de valores. Como os predicadores complexos verbo-nominais em estudo são, recorrentemente, ligados, imediatamente, à noção de brevidade de um estado de coisas, buscamos verificar se, de fato, essa informação se confirma ou não, ou se essas perífrases estariam mais ligadas ainda ao valor modal, como atitude de polidez e de preservação



das faces dos interactantes, tal como supúnhamos. Nesse aspecto, nossa conjectura se confirmou. Como podemos verificar no gráfico que segue (Gráfico 3), o valor mais associado a essas construções é o modal (34,9%), seguido pelo valor aspectual não-durativo (28,3%). Esses dois resultados são bastante relevantes porque revelam não só a sobreposição do valor modal, o qual ganha mais espaço; mas também não nos fazem perder de vista a relevância do valor aspectual, o qual ainda possui uma representação quantitativa considerável, reveladora de resquícios de sua supremacia.

**Gráfico 3.** Distribuição dos dados em função do valor em foco



**Legenda:**  
**Mod.** - Modal  
**Asp. não-durat.** - Aspectual não-durativo  
**Asp. reit.** - Aspectual reiterativo  
**Int.** - Intensidade

Fonte: Adaptado de Travassos (2019).

No Exemplo 3 que segue, ilustramos um constructo representativo da predominância do valor modal no uso da microconstrução *dar uma ensinadela*:

Ex. 3: A fisionomia de Jacob endureceu imperceptivelmente. É preciso conhecê-lo bem para saber quando o aventureiro implacável substitui o homem brincalhão. A boca afina-se e ele fala destacando cada palavra. –

Está bem, disse. Há muito tempo que esta podridão procura levar *uma ensinadela*. Eu vou lhe *dar*. [PB, *Jornal online O Globo*, 1971].

Nesse dado, o uso de *dar uma ensinadela* tem o sentido de *castigar*, de *punir* e não o de *educar*. No contexto, Jacob se mostra transformado pela raiva e pretende *dar uma lição* no outro indivíduo. No entanto, ainda assim, tem um cuidado com a maneira de se expressar, indicando uma preocupação com a própria face, ao eufemizar sua intenção mais latente. Dessa forma, o enunciador modaliza seu discurso, atenuando o acontecimento. Usos de predicadores verbo-nominais com preocupações intersubjetivas desse tipo estão se tornando mais frequentes (vide quantidade de dados indicando somente este valor no *corpus*).

Com a finalidade de observar se houve, de fato, mudança construcional, com alteração no polo funcional das construções com verbo-suporte (de aspectual não-durativo para modal), como acreditávamos, procedemos ao cruzamento dos seguintes grupos de fatores: valor em foco no estado de coisas<sup>8</sup> e recorte temporal (cada um dos nove decênios). Despontaram evidências favorecedoras à nossa hipótese: nos dois decênios mais pretéritos (1925 a 1934 e 1935 a 1944), houve mais dados que ativam o significado de aspecto não-durativo. Em contrapartida, após o terceiro decênio (1945 a 1954), o valor modal se sobrepõe e começa a se refletir na maioria dos dados dos outros decênios, convencionalizando-se (à exceção do período de 1985 a 1994, que apresentou mesma quantidade de dados dos dois valores, aspectual e modal). Houve, portanto, o processo de mudança construcional.

Além disso, em decênios mais atuais, percebemos maior número de casos de sobreposição de dois (ou mais ou todos) valores e maior extensão de sentidos. Isso pode ser um indicador de mais alterações (multi)funcionais e, talvez, um período de transição. Já sobreposições de três valores também ocorreram, porém foram mais raras. Por outro lado, em decênios mais antigos, detectamos menos sobreposições de valores e menos possibilidades de sentido. Fica claro, portanto, seu uso mais recorrente recentemente, bem como suas extensões de uso sendo mais acionadas atualmente. Além do valor em foco no estado de coisas, atentamos também para a perspectiva de conceptualização do evento envolvida a partir do uso da construção com verbo-suporte, isto é, se era menos

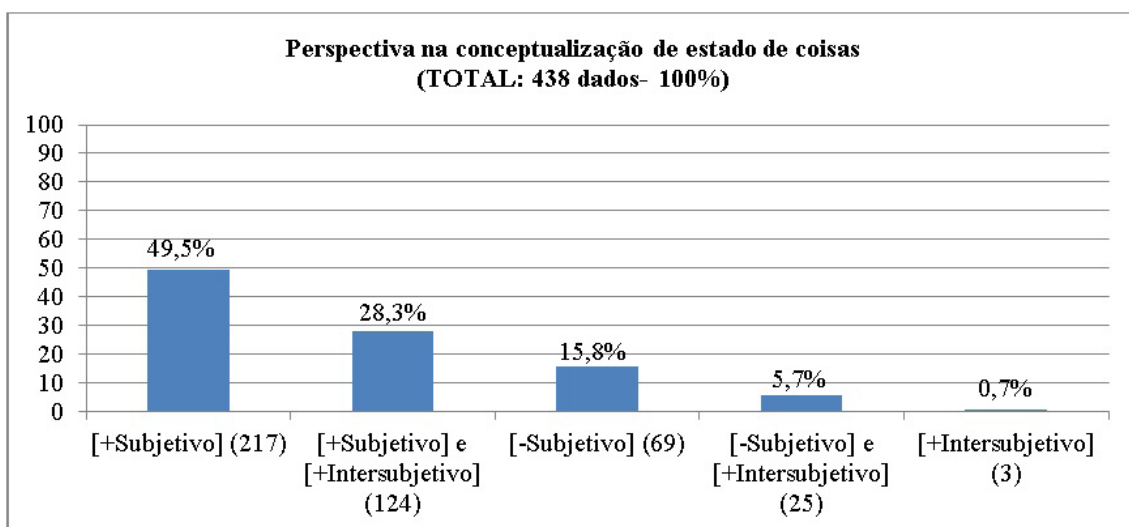
---

<sup>8</sup> Entendemos que há valor aspectual não-durativo quando o evento “se confina a um único momento linguisticamente estabelecido” (VENDLER, 1967). Por outro lado, consideramos que há modalização (com base em NASCIMENTO, 2005 e TRAUGOTT; DASHER, 2005) quando a construção é usada como “uma estratégia discursiva que permite representar uma predicação e revelar sentidos mediante o processo de perspectivação na conceptualização de um evento por parte de ponto de vista, crença, opinião e atitude de um enunciador que está inserido em um contexto comunicativo e que, no desenrolar da comunicação nesse contexto, (re)interpreta significados pragmáticos.” (TRAVASSOS, 2019, p. 25).

subjetiva (mais objetiva, mas não totalmente objetiva), mais subjetiva ou mais intersubjetiva ou, ainda, se havia sobreposição dessas formas de conceptualizar um evento.

Conforme ilustrado no Gráfico 4 a seguir, quase metade da amostra com dados das perífrases verbo-nominais (49,5%) apontou para a predominância da perspectiva mais subjetiva e uma parte relevante da amostra (28,3%) dirigiu a atenção para a sobreposição das perspectivas mais subjetiva e mais intersubjetiva. Esses resultados condizem com nossas expectativas, pois acreditávamos haver uma tendência de marcação de cuidado com o interlocutor e com a própria enunciação, além da revelação de maior subjetividade, já que o enunciado parte de um indivíduo que possui seus conhecimentos prévios e está inserido em uma determinada cultura e sociedade do mundo. Verificamos, em função de cada recorte temporal/decênio, que a indicação de subjetividade e de sobreposição de modos de conceptualização subjetivo com intersubjetivo, nos usos dos padrões construcionais, foi crescendo, gradativa e homogeneamente, à medida que se direcionava para o momento atual, com um manifesto aumento no último decênio. Ademais, nesse último período também aumentou a quantidade de dados reveladores da perspectiva menos subjetiva (mais objetiva). Um último destaque, nesse viés, está no fato de que poucos usos das construções expressaram somente a perspectiva de conceptualização mais intersubjetiva, pois, esses dados, quase sempre, vinham acompanhados também da perspectiva mais subjetiva, uma vez que a enunciação parte do locutor e, conseqüentemente, de sua atitude em relação às cenas do mundo.

**Gráfico 4.** Distribuição dos dados em função da perspectiva na conceptualização de estado de coisas.



Fonte: Adaptado de Travassos (2019).

Tais classificações cognitivas das formas de conceptualização de estados de coisas em mais ou menos subjetivo e mais intersubjetivo foram formuladas tendo por base critérios linguísticos, bem como funcionais, presentes no cotexto linguístico e no contexto semântico, discursivo, pragmático, cognitivo e social dos dados. Desse modo, para a estruturação dessa forma de categorização em um *continuum* de perspectivação, não nos baseamos apenas em nossa intuição de pesquisador (já subjetiva), nem apenas no nível teórico, mas, sim, em evidências empíricas atestadas nos dados.

Tendo em vista que a perspectiva de conceptualização mais recorrente no *corpus* foi a mais subjetiva, começaremos por ela. Trata-se da exposição mais evidente da atitude e do ponto de vista do enunciador, levando em conta sua avaliação acerca de um evento, sua opinião, sua visão e possíveis juízos de valor. A partir da análise dos dados do *corpus*, consideramos como marcas linguísticas dessa forma de perspectivação as seguintes: sujeito gramatical do verbo-suporte na primeira pessoa do singular; presença de modificador, intensificador ou quantificador avaliativo (como “boa” e “muita”, por exemplo) e sufixo de grau diminutivo no elemento não-verbal de alguns padrões construcionais (como “-adinha”, por exemplo). Consideramos como marcas funcionais da perspectiva mais subjetiva nas predicções verbo-nominais as que seguem: a indicação de aspectualidade não-durativa em certos dados, uma vez que é relativo o conceito de “curta” duração de tempo, pois depende do ponto de vista do indivíduo e sentidos metafóricos das construções, uma vez que se afasta do literal e do real mais objetivo, já ilustrando uma “escolha” de representação de uma cena do mundo pelo enunciador. Identificamos como pertencente à categoria da perspectiva mais subjetiva todos os constructos das construções que apresentavam, no mínimo, uma dessas evidências, mas podendo apresentar também várias outras em sobreposição ou até todas, o que nos revela um *continuum* de categorias mais prototípicas e outras mais periféricas de perspectivação. O Exemplo 4 a seguir ilustra um caso que consideramos como representante da perspectiva mais subjetiva (mais frequente no *corpus*):

Ex. 4: O presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, iniciou ontem sua viagem histórica à China *dando uma alfinetada diplomática* nas autoridades de Pequim. Pouco antes de partir, Clinton recebeu na Casa Branca, para uma entrevista, os três jornalistas da Rádio Ásia Livre que na véspera tiveram visto de entrada negado pelo Governo chinês. [PB, Jornal *online* O Globo, 1998]

Nesse exemplo, o uso da microconstrução *dar uma alfinetada diplomática* significa

*fazer uma crítica, fazer uma provocação*. Sendo assim, trata-se de um sentido metafórico, além de possuir o adjetivo *diplomática*, o qual consideramos como relativo, pois opera o ponto de vista de alguém, uma opinião, uma visão. A variar de pessoa para pessoa, a alfinetada em questão pode ter sido mais ou menos diplomática. Então, por esses motivos, consideramos esse dado de uso da construção com verbo-suporte como mais próximo do polo mais subjetivo no *continuum* de (inter)subjetividade.

De modo geral, qualquer enunciado é, de certo modo, subjetivo, pois o sujeito que o enuncia está, necessariamente, inserido em uma comunidade, possui crenças e ideologias. Sua mente e seu processamento cognitivo estão associados ao seu corpo e, conseqüentemente, ao ambiente em que vive, e isso interfere no modo como seleciona expressões da língua para exteriorizar seu pensamento. Entretanto, algumas expressões são menos subjetivas, isto é, revelam um ponto de vista, na medida do possível, mais objetivo, mais neutro e mais isento (sempre pensando em um *continuum*). Para nossa classificação de dados do *corpus* de complexos verbo-nominais como menos subjetivos, consideramos como evidências linguísticas as que seguem: ausência de artigo indefinido e presença de artigo definido, uma vez que construções com essa estrutura aparentam ser mais cristalizadas (*chunks* entrincheirados mais definidos); presença de sufixo -ada no elemento não-verbal da construção com verbo-suporte quando o uso indica golpe com instrumento; ausência de modificador, de intensificador e de quantificador avaliativos (porém, pode haver modificador, intensificador e quantificador descritivos). Marcas funcionais da perspectiva menos subjetiva que consideramos foram as seguintes: usos de termos técnicos, uma vez que estão mais estabelecidos na língua, estão mais opacificados, mais não-composicionais, cristalizados, convencionalizados e rotinizados; usos de padrões construcionais que indicam intensidade, como em algum golpe com instrumento; usos de complexos verbo-nominais mais literais (menos metafóricos) e usos, em geral, mais lexicalizados.

Por fim, a perspectiva mais intersubjetiva é aquela cujo foco está no outro participante da interação comunicativa, o interlocutor. Utilizamos os seguintes critérios linguísticos para identificar essa maneira de conceptualizar por meio de constructos das construções: presença de marcas da oralidade (travessão e aspas, por exemplo); uso do imperativo (modo verbal); uso de pronome possessivo; uso de algumas estruturas específicas, tais como “basta”, “é só”, “vale a pena”, “né”; uso de vocativos (chamamento); perguntas (retóricas) perspectivando um público-alvo (leitores); uso de pronomes como “você” e “a gente”. Dentre as marcas funcionais, citamos as seguintes: gêneros textuais



específicos (propaganda, horóscopo, por exemplo); contextos reveladores de conselho, ensinamento, sugestão e convite (atos ilocucionários); tendência a evidenciar a preocupação com a preservação da face do interlocutor. Segue um exemplo de dado, no qual percebemos a indicação da perspectiva mais intersubjetiva na instanciação do padrão construcional:

Ex. 5: A Páscoa tá aí. Tá certo que a gente costuma calcular quantos ovinhos vão pintar na parada [tia, avó, pai, colégio...] mas, cara-pálida, a Páscoa não é só isso. É de bom tom a gente *dar uma paradinha* e pensar de onde vem essa tradição tão saborosa. Ovos de chocolate? Essa idéia não surgiu da cabeça de alguém que viu uma galinha passando em frente a uma confeitaria. PG está aqui para esclarecer esse enigma: A Páscoa é liberdade. [PB, *Jornal online O Globo*, 1994]

No exemplo anterior, há uma crítica àqueles que pensam somente nos ovos de chocolate na Páscoa. Além disso, o enunciador faz um apelo, acrescentando a importância de se pensar no que essa data comemorativa representa simbolicamente. Trata-se de um sermão, porém, perspectivado de modo mais suave e mais polido, por meio do uso da construção com verbo-suporte *dar uma paradinha*, a qual, nesse contexto, significa *refletir*. Para além da atitude de cuidado com o interlocutor e de preservação das faces (marca funcional), há também a intenção de levar um ensinamento (marca funcional) ao público leitor. Com relação às marcas linguísticas, encontramos nesse trecho as que seguem: presença de pergunta voltada aos leitores (“Ovos de chocolate?”); presença de vocativo (“cara pálida”) e uso frequente do pronome “a gente”, o qual prevê uma relação entre os participantes.

Analisamos possíveis associações de cada microconstrução em estudo às perspectivas de conceptualização e percebemos que usos da microconstrução *DAR + X-ada* são bastante produtivos na marcação de praticamente todas as perspectivas em questão. Na indicação da perspectiva mais intersubjetiva, no entanto, predominaram usos de *DAR + X-adinha*. Isso se deve à influência do afixo de grau diminutivo, uma vez que esse elemento contribui reforçando o cuidado com a própria enunciação (mais polida), de modo a não atingir negativamente o outro. Constitui um recurso de atenuação discursiva. Esse recurso em conjunto com o padrão construcional consiste em uma estratégia de convencimento, de obtenção dos próprios propósitos, em uma forma de investir em uma imagem positiva de si. Esse resultado é compatível com nossa hipótese. No que se refere aos usos que refletem mais a perspectiva menos subjetiva, os resultados mostraram que o padrão mais acionado para essa forma de conceptualização foi o *DAR + X-ada*, pois, nor-

malmente, está associado a um termo técnico, a uma forma mais convencionalizada, mais cristalizada e, portanto, menos sujeita à manifestação de ponto de vista de um indivíduo. Por fim, encontramos dados de todos os tipos construcionais reveladores da perspectiva mais subjetiva, já que todas podem expressar uma atitude mais opinativa do enunciador.

## **5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

À luz da Linguística Funcional-Cognitiva, da Gramática de Construções e da Sociolinguística, procedemos a uma análise quantitativa e qualitativa de dados coletados em contexto real de comunicação, de modo a operar com a relação entre os fenômenos de variação e mudança linguísticas. Enfatizamos, nesse exame, o estudo da mudança construcional envolvida na predicação com perífrases verbo-nominais com *DAR*. E, assim, fizemos uma descrição da configuração e do funcionamento formal-funcional dos complexos verbo-nominais ao longo do tempo. Percebemos que houve uma progressão no número de casos conforme os decênios iam ficando mais atuais/recentes. Com o aumento da produtividade, veio o crescimento da frequência e sua maior capacidade de extensão a outros padrões construcionais (outras configurações formais, tais como as seis microconstruções aqui pesquisadas - *DAR + X-ada*, *DAR + X-ida*, *DAR + X-adinha*, *DAR + X-idinha*, *DAR + X-adela* e *DAR + X-(z)inho(a)*), bem como o conhecimento do grau de restrições envolvidas. Essas construções demonstraram potencial de convencionalização na sociedade e estão a serviço, principalmente, da expressão de valor modal e da perspectiva intersubjetiva.

Com a análise de dados, todos de textos escritos do domínio jornalístico (acervo *online* do jornal O Globo), os pareamentos forma-função evidenciaram propagação para outros contextos (escritos e mais monitorados, mais formais) para além da oralidade e da informalidade. Destarte, não se confirmam as impressões do senso comum. Partimos da suposição de que tais predicações complexas verbo-nominais estão ganhando cada vez mais espaço nos mais variados tipos discursivos, em ambas as modalidades, em diferentes tipos de registro, devido ao fato de ser um importante recurso gerador de efeitos de sentido a promover predicações cujo perfil de conceptualização dê proeminência à atenuação/mitigação discursiva.

Além disso, a visão construcionista das perífrases verbo-nominais com ênfase no processo de mudança linguística, em um estudo diacrônico como esse, que abordou dados dos séculos XX e XXI (1925 a 2014), evidencia o dinamismo constante da língua. A maior quantidade de dados de cada tipo construcional em estudo se encontra no último decênio (2005 a 2014). O único padrão construcional que foge à regra é a microconstru-

ção *DAR + X-ida*, a qual possui igual quantidade de ocorrências em três decênios: 2005 a 2014, 1965 a 1974 e de 1935 a 1944.

Partimos da suposição de que as construções com verbo-suporte em estudo eram muito frequentemente ligadas à noção de brevidade de um estado de coisas e, então, buscamos conferir se tal crença seria confirmada ou não, uma vez que tínhamos a impressão de tendência de crescente associação dessas perífrases a uma atitude de preocupação com o outro enquanto participante do evento comunicativo, de polidez. Com o exame minucioso dos dados, verificamos que os resultados foram compatíveis com nossas hipóteses: há sobreposição da indicação de modalização em comparação à de aspectualidade breve. Além disso, a maioria dos dados apresentou perspectiva [+subjativa] e a sobreposição de perspectiva [+subjativa] e [+intersubjetiva] (principalmente, constructos da microconstrução *DAR + X-idinha*). Nesse sentido, então, confirmamos a ocorrência de mudança construcional, com alteração no polo funcional da construção.

Encontramos, igualmente, uma série de extensões de usos e de sentidos, principalmente, metafóricos e metonímicos, o que nos permite caracterizar o acionamento desses padrões construcionais como multifuncional. Percebemos, em certos constructos, alterações semânticas em função do tempo em questão. Como exemplo, podemos citar o uso da microconstrução *dar entrada*, que, nos decênios mais recentes, apresenta, predominantemente, o sentido de *protocolar*, geralmente, um documento, como parte de algum procedimento burocrático. Em decênios mais pretéritos, como no exemplo que segue, *dar entrada* significa *calçar* o sapato.

Ex.6: E enquanto os médicos socorriam Ernani, Oto Gloria e Mario América iam e vinham para o tunel, até que se soube que Carlos Alberto já estava no vestiário e apenas esperando uma shooteira para o seu pé 45. Afinal o Fluminense colaborou e arranjaram um par 42, que teve os bicos cortados para *dar entrada* aos pés do arqueiro juvenil. [PB, *Jornal online O Globo*, 1952].

Esse resultado põe em evidência a relevância do parâmetro de contextualidade na ativação da relação entre forma predicante e significado. E, assim, vemos como é importante uma heurística que dê conta das faces sócio-cognitivas do acionamento de predadores verbo-nominais e como a articulação entre Linguística Cognitivo-Funcional e Sociolinguística soma para a apreensão das generalizações na Gramática de Construções do Português.

Observamos micropassos de mudança, em relação a usos e sentidos, nas diferentes sincronias dos séculos XX e XXI (1925 a 2014). Além disso, ponderamos que, por diver-

sas vezes, o entorno linguístico (cotexto), assim como o contexto semântico, discursivo, pragmático, cognitivo e social foram decisivos para a expressão dos diversos sentidos e para o acionamento exclusivo ou preferencial de uma forma em relação a outra(s). Dessa forma, vimos as construções sendo reconfiguradas. Estudos futuros baseados nesta pesquisa podem recuar mais no tempo, em busca da análise pormenorizada do processo de construcionalização (criação da construção), bem como podem avançar pela seara da modalidade oral ou, ainda, para os estudos experimentais, de modo a confirmar os resultados e a trazer novas contribuições acerca das predicções verbo-nominais.

## Referências

- ALONSO, K.; CEZARIO, M. A dimensão do uso na gramaticalização de construções. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. da C. (Org.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015. p. 63- 73.
- BERGS, A.; DIEWALD, G. Introduction: constructions and language change. In: BERGS, A.; DIEWALD, G. *Constructions and language change*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2008.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 602-623.
- CASTILHO, A. T. de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: USP, 2010 [1968].
- FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? In: NARROG, H.; HEINE, B. (Ed.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.
- GOFFMAN, E. *Interaction ritual*. New York: Harp e Row, 1967.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HILPERT, M. *Constructional change in English*. Cambridge: CUP, 2013.
- HILPERT, M. Language variation and change. In: HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993]. (Cambridge Text books in Linguistics.)
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. vol. I. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

NASCIMENTO, E. P. do. *Jogando com as vozes do outro: A polifonia – recurso modalizador – na Notícia Jornalística*. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2005.

O GLOBO. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 18 de dezembro de 2018.

RAPOSO, E. B. P.; BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; MOTA, M. A. C. da; SEGURA, L.; MENDES, A. (Coord.). *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYKENS, H. (Org.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlim/New York: De Gruyter Mouton, 2010.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and construction changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

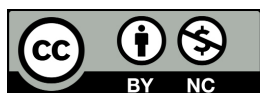
TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal do português: a categoria e sua expressão*. 3ed. Uberlândia: E. Universidade Federal de Uberlândia, 1994.

TRAVAGLIA, L. C. A sistematização do ensino de gramática em atividades de gramática reflexiva e outras. In: BASTOS, N. B. (Org.). *Discutindo a prática docente em Língua Portuguesa*. São Paulo: IP – PUC/SP, 2000. p. 59-70.

TRAVASSOS, F. P. *Variação e mudança construcional: um olhar funcional-cognitivo sobre usos de construções com verbo-suporte DAR no PB*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2019.

VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.

WEINREICH, W.; LABOV, W.; HERZOG, M. (1968). “Empirical Foundations for Theory of Language Change”. In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (Ed.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*]. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.



Data de submissão: 29/07/2020

Data de aceite: 05/02/2021